

O ensino remoto de Geografia: experiências de professores em uma escola teresinense

Leonardo Rafael Santos Côelhoⁱ 

Universidade Estadual do Piauí, Teresina, PI, Brasil

Luis duardo Santiago dos Santosⁱⁱ 

Universidade Estadual do Piauí, Teresina, PI, Brasil

ⁱⁱⁱLuciano Melo de Sousa 

Universidade Estadual do Piauí, Teresina, PI, Brasil

1

Resumo

O presente artigo analisa de que maneira se deu o ensino remoto na disciplina Geografia e as visões dos professores sobre como vivenciaram essa modalidade de ensino durante a pandemia da covid-19 em uma escola de educação básica em Teresina. Para subsidiar esta pesquisa exploratória, foram feitas análises bibliográficas com vários autores que abordam o assunto (BUNIOTTI; GOMES, 2020; CASTRO; QUEIROZ, 2020; CARDOSO e QUEIROZ, 2019; MARTINS et al., 2021; OLIVEIRA, 2021; SOUTO; MORAIS, 2021) e uma pesquisa de campo, onde entrevistamos professores de Geografia para nos descrever como foi passar pelo ensino remoto em uma escola pública. Trazemos a diferença entre EAD e ensino remoto, como se deu o uso das tecnologias e a aprendizagem de Geografia na modalidade remota. Concluímos que o ensino remoto precarizou as condições de trabalho docente bem como dificultou os processos de ensino-aprendizagem.

Palavras-chave: Ensino remoto. Geografia. Professor. EaD. Tecnologia.

Remote teaching of Geography: experiences of teachers in a school in Teresina

Abstract

This article analyzes how remote teaching took place in the Geography discipline and the teachers' views on how they experienced this teaching modality during the covid-19 pandemic in a basic education school in Teresina. To support this exploratory research, bibliographic analyzes were carried out with several authors that address the subject (BUNIOTTI and GOMES, 2020; CASTRO; QUEIROZ, 2020; CARDOSO; QUEIROZ, 2019; MARTINS et al., 2021; OLIVEIRA, 2021; SOUTO; MORAIS, 2021) and a field research, where we interviewed Geography teachers to describe to us what it was like to go through remote teaching in a public school. We bring the difference between EAD and remote teaching, as was the use of technologies and the learning of Geography in the remote modality. We concluded that remote teaching precarious the conditions of teaching work as well as hampered the teaching-learning processes.

Keywords: Remote teaching. Geography. Teacher. EAD. Technology.

1 Introdução

O ensino remoto, em meio ao contexto da pandemia do vírus da covid-19, é uma questão que suscitou inúmeros debates acerca da qualidade da aprendizagem (CASTRO e QUEIROZ, 2020; BUNIOTTI e GOMES, 2020). Por conta de nós termos vivido e sentido na pele esse ensino sentimos a necessidade de trabalhar e entender o que ocorreu nesse período. Após análises bibliográficas (CARDOSO; QUEIROZ, 2019; MARTINS et al., 2021; OLIVEIRA, 2021; SOUTO; MORAIS, 2021) e pesquisa de campo, discutimos alguns pontos importantes sobre como o ensino remoto interferiu no ensino da Geografia numa escola pública na capital piauiense.

Neste artigo, analisamos os resultados da nossa pesquisa sobre como foi o ensino remoto na educação básica na escola Severiano Sousa, localizada na zona norte de Teresina, Piauí. Nas entrevistas realizadas com os professores da instituição falamos sobre essa problemática, visto que eles tiveram contato direto com essa experiência de ensino on-line.

A proposta inicial da investigação foi fazer um apanhado de informações de como foi realizado esse ensino emergencial no contexto pandêmico. Além disso, a falta de organização e planejamento do governo para a instalação desse ensino remoto e como isso afetou os estudantes. Essas questões orientaram a pesquisa exploratória (TRIVIÑOS, 2013) construída ao longo da disciplina Sociologia da Educação no ano de 2022.

Dessa forma, os resultados da investigação foram divididos em três seções. Na primeira, discutimos sobre a diferença do EaD e do ensino remoto. Na segunda, refletimos sobre a exclusão digital e a falta de preparo dos professores. E, por fim, na terceira apresentamos algumas percepções dos professores e estudantes sobre a aprendizagem de Geografia no ensino remoto.

2 Metodologia

A pesquisa feita na escola selecionada foi realizada da seguinte maneira. A partir de um roteiro prévio buscamos identificar professores de Geografia da escola

que colaborassem com a nossa pesquisa. Os dois contatados aceitaram prontamente, visto que nessa instituição só conta com dois professores de Geografia. Foi combinado o horário e o local da entrevista. Uma foi realizada de forma presencial e a outra realizada de modo on-line, pela plataforma Google meet. Após transcritas, passou-se para a análise de conteúdo (TRIVIÑOS, 2013) para pontuar, em meio aos discursos dos entrevistados, temáticas recorrentes sobre como se deu o ensino remoto e, particularmente, como se desenvolveu a disciplina Geografia nessa modalidade de ensino.

Em momento posterior, após o exame de suas respostas, identificou-se a relevância de fazer escutas com os estudantes que viveram o ensino remoto de Geografia. Escutaram-se oito alunos que contribuíram com uma visão mais totalizante sobre os processos de ensino e aprendizagem de Geografia durante a pandemia.

3 Resultados - Diferença entre o EaD e o ensino remoto

Compreender o que caracteriza cada uma das modalidades é fundamental pois há muita confusão acerca de como elas se caracterizam. Além disso, o EaD (ensino a distância) está a mais de 20 anos em uso e tem sua qualidade comprovada diferentemente do remoto que não passou por nenhum preparo ou um teste antes de entrar em uso (BUNIOTTI; GOMES, 2020). Por conta disto, notamos a importância de colocar alguns pontos que diferenciem um do outro.

O ensino EaD é por caráter assíncrono, ou seja, as aulas são gravadas e disponibilizadas para os alunos e não acontecem ao mesmo tempo. O ensino remoto foi aprovado temporariamente pelo MEC em condições da pandemia, já que os alunos eram impedidos de ir para a escola presencialmente [...] e ele funcionava de forma síncrona no qual as aulas eram ministradas em tempo real e assíncrona onde os materiais eram publicados e os estudantes decidiriam o melhor horário para assisti-lo (SOUTO; MORAIS, 2021, p. 109).

O EaD pode ser entendido ainda como uma modalidade de ensino no qual os alunos escolheram participar de forma on-line. Desse modo, pressupõe uma

flexibilidade para estudar e realizar todas as suas atividades e provas. Diferentemente do remoto, onde ele pode ser visto apenas como algo temporário para adaptar o ensino presencial, com as aulas acontecendo ao vivo e nos mesmos horários das aulas presenciais.

4

O Centro de Inovação para a Educação Brasileira, de maio de 2020, destaca a importância da diferenciação entre EaD e ERE. O primeiro, seria apoiado em trabalho sistematizado baseado em metodologias e processos de desenvolvimento de soluções a aprendizagem. De outro modo, o segundo, visaria dar subsídios ao gestor para mobilizar e planejar ações pedagógicas frente ao contexto de isolamento social (CIEB, 2020, pág. 9). Enfim, trata-se de soluções emergenciais na forma de estratégias de aprendizagem que podem aparecer na transmissão de aulas e conteúdos pela TV, videoaulas gravadas e disponibilizadas em redes sociais, aulas online ao vivo, até mesmo o envio de conteúdo impresso para resolução em casa. (BUNIOTTI; GOMES, 2020, p.7)

O ensino remoto foi algo criado de forma emergencial para que os estudantes não ficassem com o ano letivo perdido e não se contaminassem com o vírus. Era comum que as escolas orientassem os pais ou responsáveis a irem às escolas para pegar atividades e materiais para os estudantes com a intenção dos alunos sentirem como se estivessem presencialmente. No ensino a distância, todo material que é trabalhado fica disponível on-line. Onde os discentes só visualizam nos aparelhos digitais sem nenhum contato com materiais físicos.

Além disso, os dois ensinos podem ser bem aproveitados se os professores e alunos tiverem todas as condições necessárias para usufruir desse mundo tecnológico. Como sabemos o ensino remoto sofreu duras críticas pois a maioria dos discentes e docentes não sabiam utilizar as ferramentas dos aparelhos e aplicativos digitais (algo que vamos nos aprofundar mais para frente). Segundo o blog Unyleya, especialista em educação a distância, é condição para o desenvolvimento das ferramentas digitais e todos os processos pedagógicos envolvido uma familiaridade com a tecnologia digital.

4 Resultados - O uso das tecnologias: uma exclusão digital com a falta de preparo

Com a nova modalidade de ensino vieram junto as tecnologias que são peças fundamentais nessa engrenagem. Sem elas, ou sem o uso correto delas, a aprendizagem dos conteúdos acontece de certa forma prejudicada visto que os conteúdos expostos pelos docentes não são repassados como eles gostariam.

Realmente as escolas/professores tiveram que rever seus métodos de ensino, visto que o modo que se aplica uma aula presencial é muito diferente em um contexto virtual. Nisso, podemos pontuar a falta de preparo dos professores, má qualidade de Internet, aulas mais distantes para focar nos conteúdos. “A situação imposta pela pandemia exigiu repensar os planejamentos das aulas e as práticas pedagógicas tiveram que ser adaptadas a um contexto virtual” (MARTINS JUNIOR; MARTINS; DIAS, 2021, p.2). Porém, é claro que alguns professores apresentaram dificuldades sobre os assuntos e o governo não auxiliou de modo satisfatório para usar as ferramentas tecnológicas.

A falta de familiarização dos professores com as ferramentas digitais dificulta na elaboração e disponibilização de materiais didáticos e pelo fato da urgência provocada pela pandemia não houve tempo de ter uma formação adequada, o que revela a falta de capacitação e a inexperiência (CASTRO; QUEIROZ, 2020, p.11).

A partir dessa compreensão, definiu-se perguntar aos professores da escola se eles receberam algum tipo de treinamento. Os mesmos responderam que: **professor A**¹ “Não, a gente que aprendeu mesmo na marra, em casa, com os filhos. Às vezes quem me dava uma força era a coordenadora”. O que podemos observar é que quem ajudava os professores era a coordenadora que tinha um conhecimento sobre tecnologia e que se comprometeu a fazer algo que estava fora da sua função. Além dos filhos que estavam presentes em casa na pandemia e puderam dar um apoio aos pais. O suporte institucional de Estado não supriu as necessidades dos professores. Outra constatação é que a formação inicial de professores nas universidades não os preparou para as possibilidades da utilização de tecnologias na educação (MATOS; SIMPLÍCIO; RIBEIRO, 2021).

¹ Por opção nossa resolvemos deixar o nome professor “A” e professor “B” em negrito.

O **professor B** foi bem mais curto nas suas palavras, mas expôs que “Não recebi nenhum treinamento”. Mais um professor que foi para o ensino remoto e que não era muito familiarizado com os aplicativos e demais recursos tecnológicos. O **professor A** descreve uma situação inusitada que aconteceu em meio ao ensino remoto:

6

Teve um período que tive que fazer uma prova global que era dentro de uma metodologia. Aí... e eu tive muita dificuldade. Aí eu apelei mesmo para a coordenadora, eu não sei fazer. Até que ela falou com a outra coordenadora que disse... “te acalma que vai dar certo”. Aí ela foi me dando dicas. Aí eu consegui fazer. Mas foi com muita dificuldade (**Professor A**).

Após essa situação vivida, fica bem claro que o ensino foi colocado de uma forma que não houve tempo nem planejamento satisfatório para testar as habilidades dos professores com as tecnologias, acarretando muitas dificuldades para executar atividades e aulas. “Muitos(as)(sic) mesmo não tendo formação adequada para o trabalho com o uso das tecnologias, foram desafiados” (MARTINS, JUNIOR; MARTINS; DIAS, 2021, p.120).

Mesmo conseguindo fazer a avaliação o docente sofreu muito para realizar. Se a coordenadora não tivesse um conhecimento prévio para ajudar talvez não tivesse êxito para fazer a prova. É claro que o ensino remoto foi algo feito emergencialmente para que não atrasasse o ensino dos estudantes, porém, poderia ter sido disponibilizado algum tipo de material para ajudar esses profissionais. Os estudantes perceberam essas dificuldades: “não estavam preparados” (estudante 1); “não, muitos professores não sabia alguns recursos dos apps utilizados. Acho que pelo fato de ser uma coisa muito recente, eles tinha muitas dificuldades. Muitos até desistiram no primeiro momento e foram buscar outra forma: exemplo, whatsapp” (Estudante 6).

Durante a pesquisa evidenciamos uma pressão em cima dos professores que vai desde a sobrecarga de trabalhos, passando pelo volume de tarefas executadas por hora em frente ao computador. “Esse projeto do ensino remoto, em caráter quase

que de urgência, trouxe muitos desafios para os professores ainda não preparados, previamente, para uma nova época” (ANDRADE; ALBUQUERQUE; GOMES, 2021, p. 4). Este processo acarretou um desgaste emocional devido também à gravação frequente das aulas, além da ausência de apoio psicológico para eles. Sem contar que muitos professores dão aula em mais de uma escola.

7

Essa demanda de sustentar a educação em tempos adversos, a despeito da não garantia das condições mínimas e favoráveis de trabalho, atrelada às novas inscrições que o ensino virtual enuncia no fazer educador, sem uma reflexão da prática que dialeticamente a produza, trouxeram efeitos danosos para a saúde mental dos educadores, são ecos corporificados de sujeitos que solicitam constantemente escuta de suas dores (MARTINS; DAMASCENO, 2021, p. 268)

A integridade emocional dos professores comprometeu-se com as novas demandas de ensino (emprego de novas tecnologias, desafios para uma comunicação significativa entre educador e educandos, construção de novos instrumentais de avaliação etc.). Segundo o portal G1, a Universidade de Southampton na Inglaterra, realizou um estudo onde aconteceu um grande aumento de caso de pessoas com insônia e ansiedade nesse período (LUFKIN, 2021). Trazendo para a nossa realidade, um dos docentes falou que sentiu muita dificuldade para dormir.

Quando eu saía da escola esquecia das atividades, mas no online com as mensagens direto não. Tive muita insônia e tive que tomar remédios para dormir, consequência da acumulação de trabalho e antes não usava muita tecnologia (**Professor B**).

Com essa fala fica evidente como o ensino remoto, no meio do contexto pandêmico, tem contribuído com o desenvolvimento de desequilíbrios na saúde de professores. Contraditoriamente, professores e estudantes não receberam qualquer tipo de apoio para a superação desses transtornos. Esses fatos relatados e os artigos estudados na revisão bibliográfica (MARTINS et al., 2021; (MATOS; SIMPLÍCIO; RIBEIRO, 2021) reforçam um agravamento nas condições de trabalho docente o que potencializa transtornos na saúde física e emocional desses profissionais.

Em meio a toda essa demanda tecnológica, há pessoas, principalmente os estudantes, que não têm acesso à Internet de qualidade ou a nenhum tipo: “Se contar só o celular e a internet sim. Mais se tivesse um notebook seria mais fácil e uma internet melhor também” (Estudante 4). Durante esse período foi evidenciado o quanto no Brasil boa parte da população não usufrui desse recurso essencial. Quando acontece essas situações no ensino remoto damos a ela um nome: exclusão digital.

8

O conceito de exclusão digital refere-se ao fato de indivíduos não possuírem acesso à Internet, sejam eles da cidade ou da zona rural (MARTINS JUNIOR; MARTINS; DIAS, 2021, p.126). Para tentar amenizar os efeitos dessa exclusão, as escolas disponibilizavam materiais pedagógicos impressos para os estudantes. A escola Severiano Sousa enviava tais atividades para seus alunos já que boa parte deles eram provenientes de famílias humildes que não possuem aparelhos tecnológicos em casa. O **professor A** evidencia isso: “Alguns alunos iam pegar material impresso na escola e outros nem iam”. Isso é muito ruim para o aprendizado, já que houve alunos que não foram buscar suas atividades. Por outro lado, como eles poderiam se desenvolver sem ter nenhuma noção do assunto, e os que buscavam sentiam dificuldades para responder suas tarefas. Alguns depoimentos dos educandos fortalecem esse quadro de deficiências no processo de aprendizado: “não consegui me adaptar. Inicialmente tava indo, mas depois complicou um pouco” (estudante 5). Já o estudante 2 destaca: “Não foram muito boas. Na disciplina de Geografia por exemplo via o esforço do professor em explicar a disciplina, mas até ele mesmo falava que era um pouco complicado explicar determinados assuntos. Porque ele sentia que tínhamos dúvidas, mas não perguntavam”.

Soma-se a esse cenário as limitações de tempo dos pais para apoiar seus filhos e o capital cultural distante daquele do campo escolar. Em alguns casos era por falta de tempo ou por terem a condição de analfabetismo funcional. Segundo os dados do IBGE retirados do site D24am, a cada 10 brasileiros, três são considerados analfabetos funcionais, incapazes de compreender integralmente textos simples (SEFFAIR, 2021). Assistir os filhos com algum acompanhamento

apresentou-se para a maioria dos pais uma tarefa impossível. Andrade, Albuquerque e Gomes (2021, p. 7) ressaltam outro ponto bastante relevante: “[...] pelo fato de, nesse

momento, muitas famílias priorizarem a sobrevivência e não a escola. Nessa situação, a escola deixa de ser prioridade na vida deles”. Percebe-se que falharam programas de acompanhamento dos estudantes mais eficientes que contribuíssem para minimização de suas dificuldades de aprendizagem.

9

O **professor A**, ao ser questionado como foi o ensino para esses alunos, comenta: “A gente ouvia muitas queixas das mães. Elas diziam que não tinham como acompanhar um celular para três ou quatro crianças e que não tinha como acompanhar porque às vezes não tinha internet”. É evidente que os alunos mais pobres sofreram bastante com esse ensino. Não houve um planejamento satisfatório para criar algum tipo de política ou auxílio que cobrisse aparelhos celulares ou tablets para alunos de baixa renda. Provavelmente a absorção de conhecimento por parte desses estudantes foi bem baixa (LEMOS, 2022). Alguns dos estudantes descrevem suas dificuldades: “Ele explicava tudo por áudio e fazia perguntas e tirava as dúvidas por áudio no grupo. Depois passava a atividade. Eu acho que se ele tentasse usar o meet seria até melhor para a compreensão, mas já quebrava um galho.” (Estudante 4). Os professores esforçavam-se e buscavam encontrar alternativas para o ensino remoto, mas sempre em meio aos limites de metodologias expositivas: “no ensino remoto as aulas eram mais de explanação” (estudante 1).

Sobre essa situação de exclusão, o **Professor B** diz: “Sim, não tenha dúvida disso. Eles dividiam o celular com a mãe e os chips do governo não adiantaram de nada, pois a internet vivia caindo”. Em relação à distribuição dos chips, eles não tinham um pacote de internet satisfatório. Segundo dados da GP1, portal de notícias do Piauí, os pacotes de Internet só vinham com 20 Gb mensais para o uso de vários aplicativos. Um deles, o Youtube, consome bastante Internet e era o que professores mais usavam.

“A falta de acesso às tecnologias digitais por parte dos/as estudantes [...] por uma parcela significativa deles exclui do processo de acesso à educação, que neste momento, tem sido mediada pelas mídias digitais” (MARTINS JUNIOR; MARTINS;

DIAS, 2021, p. 127). Essa restrição ao ensino continuou presente para os alunos de baixa renda em todo o ensino remoto, enquanto os alunos de famílias abastadas tiveram toda a assistência necessária com celulares, notebooks, internet, além de uma estrutura em casa receber tal formato de ensino.

5 Resultados - A aprendizagem de Geografia no ensino remoto

10

Devida à importância que é a aprendizagem de Geografia para todas as pessoas, buscamos identificar como ocorreu o ensino em meio ao contexto pandêmico e as aulas on-line na escola estudada. A Geografia é uma ciência que estuda o espaço e a sociedade, e que ajuda as pessoas a compreenderem o meio físico em interação com o social. Além disso, as relações políticas, econômicas e culturais. Segundo Guerra (2020, p. 3), “cabe a Geografia, na condição de disciplina escolar, capacitar o educando, por fornecer-lhe subsídios para o desenvolvimento da capacidade de compreender a realidade dentro da tessitura socioespacial”.. Sendo assim, é de forma essencial que os alunos possam exercitar experiências pedagógicas relevantes para uma compreensão ampliada do espaço em que eles vivem e como se constituem como sujeitos políticos, econômicos, culturais, sociais, ecológicos, etc.

Um primeiro elemento a ser pontuado diz respeito à alfabetização espacial, sendo compreendida como a instrumentalização para que os sujeitos possam ler, interpretar, escrever e resolver problemas em seus espaços proximais, vividos, percebidos e realizados. Outro tópico fundamental pode ser entendido como a formação cidadã dos estudantes, já que as noções de ser-no-mundo e estar-no-mundo – e seus amplos debates – passam pelo ensino de Geografia, na medida em que a Geografia é fundamental na construção de sujeitos que participem da vida social sendo, o espaço, elemento chave para tais compreensões. Uma terceira premissa a ser destacada trata-se do uso das múltiplas linguagens no ensino de Geografia: mapas, globos, aplicativos, músicas, vídeos, imagens, textos... São alguns dos elementos fundamentais para provocar reflexão sobre a sociedade contemporânea e, com isso, ilustrar os elementos circundantes às realidades dos estudantes (OLIVEIRA, 2021, p. 9-10).

O papel da Geografia na educação é muito importante, pois ajuda os alunos a pensarem algumas questões presentes em toda sua vida como a globalização ou simplesmente a usar as coordenadas geográficas. De fato, a Geografia está presente na vida de todos nós, seja nos jornais com a previsão do tempo ou em um simples olhar para admirar a paisagem. Às vezes, nem percebemos que o que estávamos fazendo é geográfico. A pandemia acendeu um alerta sobre o letramento geográfico na educação básica: apesar de vivermos e nos relacionarmos espacialmente, os estudantes demonstram dificuldades de interpretar essas vivências e relações à luz dos conhecimentos da Geografia.

A necessidade de que o ensino de Geografia na educação básica seja realizado a partir de uma prática docente que valorize os conhecimentos de cada estudante buscando correlacionar conteúdos e realidade com o objetivo de, cada vez mais, despertar o interesse por essa área do saber. (SOUTO; MORAIS, 2021, p.7)

O professor precisa valorizar essa bagagem que o aluno traz para dentro da sala de aula, que é aquela observação e análise do espaço (paisagem, clima, vegetação, mapas). Durante a pandemia, os meios de comunicação apresentaram inúmeros dados sobre o avanço da pandemia, distribuição por regiões além de empregar mapas e estatísticas. Esses registros compõem o cabedal do saber geográfico.

Ainda, ao pensar sobre a questão da espacialização dos dados da pandemia por meio da cartografia, o uso dos mapas construídos ao longo do período pandêmico tem se tornado em importante estratégia de inserção da cartografia no cotidiano de trabalho pedagógico, uma vez que o tema em voga é a própria pandemia, a análise dos dados do fenômeno a partir da produção cartográfica do mesmo constitui-se em elemento chave que possibilita maior engajamento dos estudantes. (OLIVEIRA, 2021, p.8-9)

O que podemos perceber é que o conhecimento geográfico, às vezes tão desvalorizado, serviu bastante para entendermos como ocorreu a disseminação do covid-19 através dos fluxos e fixos decorrentes da globalização, no qual fazem pessoas diariamente se locomoverem de um lugar para o outro (SANTOS, 1979).

Dessa forma, considerando a relevância do conhecimento geográfico na educação básica, torna-se premente pensar acerca dos impactos ocasionados pela implementação abrupta do ensino remoto, em especial, nas aulas de Geografia. Ao serem perguntados quais os impactos os alunos sofreram e sofrerão no ensino de Geografia.

12

O principal impacto foi a sequência da aprendizagem, como ele não aprendeu uma coisa que seria necessária. No 5º ou 6º ano, ele já vai ver outra coisa, pois o conteúdo de geografia é dinâmico. Tipo, no 6º ano vai ver as regiões brasileiras e no 7º você já vai ver o continente americano. Às vezes os alunos perguntam “por que a gente não está estudando o Brasil?”. Porque a gente já estudou isso lá no 6º ano e a gente têm que conhecer o restante do mundo, e não dá pra ficar repetindo esse conteúdo. Então sempre vai ficar essa defasagem nesses conteúdos que deveriam ter sido vistos (**Professor A**).

A forma como se deu a aprendizagem desses alunos ficou bastante comprometida. Sendo feita a mesma pergunta ao **Professor B**, ele difere da resposta dada pelo seu companheiro de magistério. Para ele, os alunos de Geografia não sofreram tanto. “Não, pois a Geografia é muita leitura. Acredito que dá pra desenvolver depois. Acho que as disciplinas de exatas sofreram mais e terá mais prejuízos depois. Elas precisam de mais interação”.

Os estudantes relatam suas dificuldades: “muitas vezes tínhamos dúvida, mas ficávamos meio tímidos, não se sentia à vontade como no presencial para fazer perguntas aos professores. Muitas vezes dava um desânimo e algo cansativo ficar em frente a uma tela de celular ou notebook” (estudante 2). Além da falta de um clima favorável para os educandos discutirem suas dúvidas e questionamentos, o próprio processo de longas explicações monologais não favoreceu a aprendizagem: “muitos conteúdos não davam para entender e a gente sabe: alguns conteúdos precisam ser explicados melhor, e, tipo só por áudio não dava para entender, mesmo que o professor se esforçasse, não dava. Precisaria de uma aula presencial que era a forma que a gente tava mais acostumado, pois faltava aquela relação de aluno-professor” (Estudante 4). Por outro lado, questionamos sobre o processo avaliativo desenvolvido durante o ensino remoto. Sobre este ponto, indagamos como

se deu a taxa de reprovação dos alunos e fomos informados que não houve reprovação durante o ensino remoto, pois eles receberam ordens:

Não houve reprovação por recomendação do governo, do sistema, da escola, não sei. Alguém chegou para nós e disse, que trouxe essa recomendação lá de cima e passou, né. Não vou dizer que é culpa da direção, é de todo o sistema de educação. Só reprova quando o aluno evadiu, desapareceu ou matriculou e nunca deu sinal de vida. Aí, esses a gente não podia passar (**Professor A**).

Como não pensar nos impactos que esses jovens irão sofrer por terem sido passados de ano sem uma verificação adequada das competências e habilidades desenvolvidas? Como vão disputar um vestibular com um aluno de uma escola particular, que teve um maior acesso e facilidade dos meios tecnológicos no período pandêmico. No entanto, não se pode culpar os profissionais da educação; apenas parabenizá-los por fazerem o que podiam e o que estava ao seu alcance para que os alunos aprendessem os conteúdos em meio a toda essa situação.

O ensino remoto não supera ou substitui de forma satisfatória o ensino presencial, mas a utilização das tecnologias abre novas possibilidades para que os professores e alunos possam superar barreiras físicas, colocando o mundo mais acessível a ponta dos dedos. Por isso questionamos os professores quais os pontos positivos e negativos do ensino remoto. O **Professor B** fala que “devemos dar uma nova oportunidade para o ensino remoto, se elaborar melhor pode ser produtivo e pode melhorar, é uma nova ferramenta. O ensino híbrido tinha que continuar para se familiarizar com o ensino”. As pesquisadoras Rebeca Montenegro e Emanuelle Matos (2021, p. 5) ressaltam que a pandemia sinalizou para um problema já amplamente discutido anteriormente: “o distanciamento da área da Educação com o desenvolvimento do contexto da sociedade global tecnológica”. Para além do debate sobre ensino remoto, híbrido ou presencial, a educação brasileira precisa transformar-se para responder aos desafios da sociedade globalizada e tecnológica.

Diferentemente, o **Professor A** fala que só houve um ponto: “Foi só o fato da gente não ter saído de casa, não, pandemia porque outra coisa eu não vi não”. Na visão dele o único ponto positivo foi não se contaminar com o vírus, um medo que assombra muitas pessoas até hoje. A formação continuada dos professores precisa

animar os debates acerca das políticas prioritárias nas secretarias de educação. A pandemia forçou uma desnaturalização dos processos pedagógicos tradicionais: eles se mostraram bastante limitados frente às necessidades do contexto pandêmico. Precisa-se “ressignificar os saberes na busca de metodologias eficazes” (MATOS; MONTENEGRO, 2021, p. 7).

O **Professor A** identifica vários pontos negativos nessa modalidade de ensino.

14

Na educação para mim foi um fracasso, muito ruim, espero que a gente possa reverter isso e dá a oportunidade desses alunos concluir o ensino médio com o mínimo de aprendizagem que é necessária, mas se depender só desse ensino remoto vai ser uma geração perdida (**Professor A**).

Com certeza vai ser uma geração com déficits no campo dos conteúdos curriculares como também das interações e aprendizagens conquistadas com a convivência. Os estudantes ressaltam: “muitos [alunos] não assistiam aula ou porque não queriam ou até mesmo a dificuldade de acesso as aulas” (estudante 2); “no final, você fazendo só uma atividade, tu passava, mesmo se você não tivesse feito nenhuma atividade durante o período letivo. Eu achei isso muito injusto” (Estudante 4). A desmotivação associada com uma incompreensão sobre as alternativas construídas para o ensino remoto comprometeu o aprendizado dos estudantes.

Na visão do **professor B** o ponto negativo foi “falta de informação, o ensino foi colocado muito rápido, alunos sem Internet ou sem celular/ notebook.” Todos esses pontos são pertinentes e, certamente, foram aspectos que mais contribuíram com a precarização do ensino remoto (MARTINS JUNIOR; MARTINS; DIAS, 2021).

Precisa desenvolver melhor os resultados. De fato, quais foram os impactos ocasionados? Como e por que esses impactos aconteceram? Como quantificar e qualificar esses impactos? Foi a partir das notas, metodologia de avaliação, compreensão de conceitos e conteúdos?

É importante ouvir os estudantes sobre o tema, assunto...

6 Considerações finais

A partir do nosso interesse em compreender sobre o ensino remoto no contexto pandêmico, em particular como o mesmo foi vivenciado por professores de Geografia numa escola pública teresinense, desenvolvemos uma pesquisa exploratória com a colaboração de dois professores da disciplina.

Os dados obtidos mostram uma grande dificuldade dos docentes com a adequação desse ensino emergencial e que os mesmos tiveram obstáculos para realizar suas aulas. Além do mais, foi uma experiência ruim para os professores e alunos, deixando os professores com dúvidas se conseguiram realmente passar seus ensinamentos adiante e, da parte dos educandos, além das dificuldades de aprendizado um alheamento frente aos processos vividos.

O que podemos observar é que o profissional da educação necessita receber mais treinamentos para as novas tecnologias que estão presentes em nosso meio. E, para que as gerações futuras não tenham as mesmas dificuldades, os cursos de licenciatura deveriam ampliar a reflexão sobre as tecnologias da informação e comunicação bem como fomentar práticas pedagógicas que explorem suas potencialidades.

Desse modo, a pesquisa veio ampliar as reflexões acerca do ensino remoto no atual contexto pandêmico e fomentar novos debates sobre essa situação única e histórica em que vivemos. A principal conclusão a que chegamos foi: a sala de aula on-line não consegue, de forma alguma, substituir a sala de aula presencial.

Referências

ANDRADE, Ana Maria Teixeira; ALBUQUERQUE, Luiz Botelho; GOMES, Ana Beatriz Bezerra. Uma prática de ensino remoto na escola pública municipal Autran Nunes. *Ensino em Perspectivas*, Fortaleza, v. 2, n. 4, p. 1-11, 2021. Disponível em: <https://revistastestes.uece.br/index.php/ensinoemperspectivas/article/view/6660>. Acesso em: 7 out. 2022.

BUNIOTTI, Daniel; GOMES, Paulo César. Educação a Distância não é Ensino Remoto: Identificando Ações da Secretaria Estadual de Educação do Paraná em 2020. **EaD em Foco**, v. 11, n. 2, p. 1-27, 2020. Disponível em:

<https://eademfoco.cecierj.edu.br/index.php/Revista/article/view/1197>. Acesso em: 25 ago. 2022.

CASTRO, Eder Alonso; QUEIROZ, Eliziane Rodrigues de. Educação a distância e ensino remoto: distinções necessárias. **Revista Nova Paideia - Revista interdisciplinar em educação e pesquisa**. Brasília, v. 2, n. 3, p. 3-17, 2020. Disponível em: <https://ojs.novapaideia.org/index.php/RIEP/article/view/40>. Acesso em 25 ago. 2022.

GP1. Estudantes do Piauí recebem chips com internet para terem acesso a aulas., 25 de janeiro de 2021. Disponível em: <https://www.gp1.com.br/piaui/noticia/2021/1/25/estudantes-do-piaui-recebem-chips-com-internet-para-terem-acesso-a-aulas-494823.html>. Acesso em: 18 jul. 2022.

GUERRA, Fábio Soares. Geografia escolar e o papel do professor no contexto contemporâneo. **Ensino em Perspectivas**, Fortaleza, v. 1, n. 2, p. 1-9, 2020. Disponível em: <https://revistastestes.uece.br/index.php/ensinoemperspectivas/article/view/4530>. Acesso em: 7 out. 2022.

LEMOS, Simone. Avaliação do rendimento escolar em 2019 já não era boa e foi agravada com a pandemia. **Jornal da USP**, 14 março de 2022. Disponível em: <https://jornal.usp.br/atualidades/avaliacao-do-rendimento-escolar-em-2019-ja-nao-era-boa-e-foi-agravada-pela-pandemia/>. Acesso em: 31 ago. 2022.

LUFKIN, Bryan. Corona-insônia: o fenômeno que está impedindo as pessoas de dormir na pandemia. **G1**, 29 de janeiro de 2021. Disponível em: https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2021/01/29/corona-insonia-o-fenomeno-que-esta-impedindo-as-pessoas-de-dormir-na-pandemia.ghtml#amp_tf=De%20%251%24s&aoh=16613097987576&referrer=https%3A%2F%2Fwww.google.com&share=https%3A%2F%2Fg1.globo.com%2Fbemestar%2Fcoronavirus%2Fnoticia%2F2021%2F01%2F29%2Fcorona-insonia-o-fenomeno-que-esta-impedindo-as-pessoas-de-dormir-na-pandemia.ghtml. Acesso em: 25 ago. 2022.

MARTINS, Ana Carolina Borges Leão; DAMASCENO, Roniel Sousa, SOUSA, Marília Albuquerque de; RIPARDO, Maria Vitória Silva; ALBUQUERQUE, Luiz Victor Coelho; MELO, Maria Alayny Cavalcante. A experiência de professores no ensino remoto: dilemas, saúde mental e contexto de trabalho na pandemia. **Expressa extensão**. Pelotas, v. 26, n. 2, p. 260-272, maio-agosto, 2021. Disponível em: <https://www.sumarios.org/artigo/experi%C3%Aancia-de-professores-no-ensino-remoto-dilemas-sa%C3%BAde-mental-e-contextos-de-trabalho-na>. Acesso em: 25 ago. 2022.

MARTINS JUNIOR, Luiz; MARTINS, Rosa Elisabeth Militz W; DIAS, Julice. O ensino de geografia na educação básica em tempos de pandemia - covid-19.

Humanidades e inovação, Tocantins, v.8, n.61, p.117-129, out. 2021. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/issue/view/136>. Acesso em: 25 jun. 2022.

MATOS, Érica Gonçalves; SIMPLÍCIO, Antônia Karina Mota; RIBEIRO, Luís Távora Furtado. Os desafios atuais do ensino remoto: uma didática replanejada. **Ensino em Perspectivas**, Fortaleza, v. 2, n. 4, p. 1-9, 2021. Disponível em: <https://revistastestes.uece.br/index.php/ensinoemperspectivas/article/view/6155>. Acesso em: 7 out. 2022.

MONTENEGRO, Rebeca Maria Bruno; MATOS, Emanuelle Oliveira da Fonseca; LIMA, Maria Socorro Lucena. Desafios e possibilidades do trabalho docente em tempos de pandemia. **Ensino em Perspectivas**, Fortaleza, v. 2, n. 3, p. 1-10, 2021. Disponível em: <https://revistastestes.uece.br/index.php/ensinoemperspectivas/article/view/6476>. Acesso em: 7 out. 2022.

OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel. Como fica o ensino de geografia em tempos de pandemia da covid-19?. **Ensino em perspectivas**, v.2, n.1, p.1-15, 2021. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/ensinoemperspectivas/article/view/4577#:~:text=Para%20isso%2C%20%C3%A9%20realizada%20breve,contextualizados%20para%20o%20momento%20contempor%C3%A2neo>. Acesso em: 05 jun. 2022.

CARDOSO, Cristiane; QUEIROZ, Edileuza Dias de. Reflexão sobre o ensino da geografia: desafios e perspectivas. **Geografia, ação política e democracia**, v. 2, p. 75-83, 2019. Disponível em: <https://www.atenaeditora.com.br/post-artigo/8537>. Acesso em: 25 ago. 2022.

Unyleya Saiba o que é um professor EaD e como ele trabalha. Disponível em: <https://blog.unyleya.edu.br/inicie-sua-carreira/professor-ead/>. Acesso em 5 de setembro de 2022.

SANTOS, Milton. **O espaço dividido**. 2. Ed. São Paulo: edusp. 1979.

SEFFAIR, Maria do Carmo. Analfabetismo funcional e a realidade brasileira. **D24am**, Manaus, 29 de agosto de 2021. Disponível em: <https://d24am.com/artigos/maria-do-carmo-seffair/analfabetismo-funcional-e-a-realidade-brasileira/>. Acesso em: 25 jun. 2022.

SOUTO, Joyce Caroline de Souza; MORAIS, Nathalia Rocha. Ensino de geografia em tempos de pandemia: desafios do ensino remoto e das tecnologias na prática docente. **Revista de ensino de geografia**, Uberlândia, v. 12, n. 22, p. 102-118, jan/jun. 2021. Disponível em: <http://www.revistaensinogeografia.ig.ufu.br/N22/Art6-v12-n22-Revista-Ensino-Geografia-Souto-Morais.pdf>. Acesso em: 22 maio 2022.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação.** São Paulo: Atlas, 2013.

ⁱ **Leonardo Rafael Santos Côelho**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0669-5478>

Universidade Estadual do Piauí - UESPI

Graduando em Licenciatura plena em Geografia pela Universidade Estadual do Piauí.

Contribuição de autoria: Realizou a prática educativa estudada.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0211311221746030>

E-mai: leonardo18co@gmail.com

ⁱⁱ **Luis Eduardo Santiago dos Santos**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4342-9256>

Universidade Estadual do Piauí UESPI

Graduando em Licenciatura plena em Geografia pela Universidade Estadual do Piauí.

Contribuição de autoria: Realizou a prática educativa estudada

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5358280688994153>

E-mail: luis81701235@gmail.com

ⁱⁱⁱ **Luciano de Melo Sousa**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1832-3046>

Universidade Estadual do Piauí

Doutor em Ciências Sociais (UFRN) e professor adjunto da licenciatura em Ciências Sociais da Universidade Estadual do Piauí (Campus Torquato Neto). Pesquisador na área de metodologia de ensino.

Contribuição de autoria: Orientação nas análises e bibliografias

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3801957465653536>

E-mail: lucianomelo@cchl.uespi.br

Editora responsável: Karla Colares Vasconcelos

Como citar este artigo (ABNT):

CÔELHO, Leonardo Rafael Santos; SANTOS, Luis Eduardo Santiago dos; SOUSA, Luciano de Melo. O ensino remoto de Geografia: experiências de professores em uma escola teresinense. **Ensino em perspectivas**, Fortaleza, v.4, n. 1, 2023.